



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - IFCH

Resumo para o Congresso de Iniciação Científica

A estimada avó do Brasil: Tia Nastácia, trabalho, gênero e família

Orientanda: Maria Gabrielle Mello Miranda

Orientador: Prof. Dr. Christiano Key Tambascia

Co-orientador: Prof. Dr. Luiz Gustavo Freitas Rossi

PALAVRAS-CHAVES: Imagens de controle, literatura infantil, feminismo negro.

RESUMO:

A complexidade de Tia Nastácia, personagem tornada célebre na literatura brasileira pelo escritor Monteiro Lobato (1882-1948), é tão perceptível que torna-se quase tangível, tais quais as folhas dos livros em que a estabelecem dentro do imaginário social brasileiro. Mãe-preta, preta velha, mucama permitida, são tantos os termos pelos quais podemos nomeá-la, mas, acima de tudo, ela é uma mulher negra e uma representação de como essas mulheres são lidas dentro de contextos sociais e históricos específicos. Entendo-a, portanto, como uma imagem de controle (Patricia Hill Collins, 2019), a qual se constrói e constitui na mente dos indivíduos um Outro, que sempre parte de um pensamento binário de categorização de pessoas e ideias através das diferenças que existem entre elas (p. 137). Nesse sentido, é impossível discutir a obra *Sítio do Pica Pau Amarelo* sem pensá-la através de um pensamento antirracista, sem buscar desconstruir o legado deixado por Lobato para todas as pessoas negras por ele afetadas. Afinal, sua obra, ainda mais em seu contexto histórico, não deixa em momento algum de ser uma obra política, como aponta Antônio Candido:

(...) a arte é social nos dois sentidos: depende da ação de fatores do meio, que se exprimem na obra em graus diversos de sublimação; e produz sobre os indivíduos um efeito prático, modificando a sua conduta e concepção do mundo, ou reforçando neles o sentimento de valores sociais. Isto decorre da

própria natureza da obra e independente do grau de consciência que possam ter a respeito os artistas e os receptores da arte (Candido, 1965, p. 30).

Eu chego, portanto, a uma questão importante: seria Lobato e suas obras racistas? A minha intenção aqui sequer é dar uma resposta de sim ou não, mas buscar compreender as suas produções através de um pensamento feminista negro e antirracista, principalmente quando falamos da personagem da Tia Nastácia. Para a construção de uma sociedade antirracista, precisamos começar a falar sobre a reformulação de uma literatura infantil brasileira e seus impactos sociais, entendendo a importância de se colocar em xeque a ideia inocente de que uma obra que tem como público alvo as crianças não seria capaz de causar um impacto negativo dentro da sociedade, como aponta Anamaria Ladeira Pereira, no seu texto “A obra infantil de Monteiro Lobato: *do racistês ao pretuguês*”, no qual ela analisa 15 livros infantis do autor através de uma perspectiva antirracista (Pereira, 2022).

As acusações de uma literatura racista geraram controvérsias que ainda são mobilizadas para pensar o legado da obra de Monteiro Lobato, como foi o caso do evento “O IEL deve cancelar Lobato?” em março de 2024, na UNICAMP. No entanto, ao refletir sobre o escopo dessa bibliografia voltada às mulheres negras dentro de uma análise sobre sua obra, creio que não só é importante criticar os estereótipos e seus efeitos negativos e violentos, mas também é essencial falar sobre as mulheres que inspiraram a criação de Tia Nastácia e as mulheres que dela descendem. Quero chamar atenção, com isso, para a importância de se compreender a obra de Lobato não apenas como fruto das condições sociais de sua época, mas principalmente os efeitos e sentidos que enseja, por meio de uma reflexão sobre os silêncios e as invisibilidades que nela operam ao longo do tempo. A objetificação e a domesticação de Tia Nastácia correm lado a lado com o apagamento de histórias que podem ser tomadas como pontos de fuga da matriz modernista lobatiana. Como propõe Hartman (2020), a recuperação destes esquecimentos é difícil de ser contornada, no âmbito da historiografia e da literatura hegemônicas, indicando a centralidade da forma com que se imagina o mundo social e cultural no Brasil.

Não me parece possível falar sobre o impacto de Monteiro Lobato sem antes pensar e trazer à tona as mulheres que tanto inspiraram a criação da Tia Nastácia, as pretas velhas, que, quando novas, abdicaram de seus filhos para que se fosse possível amamentar as crianças da sinhá. Posteriormente, com a velhice, já não se era mais possível ser utilizada como objeto de prazeres, fazendo com que essas mulheres fossem colocadas em uma nova posição, ao de total devoção para ensinar as crianças o “pretuguês” (Gonzalez, 1979) e passar para elas uma cultura considerada genuinamente brasileira. Se antes ela os alimenta com o suco da vida, agora passa a nutri-los com contos que lhes permitia uma nova visão de mundo. Durante esse processo de transformação

encontra-se uma constante: essa mulher preta nunca será vista por inteira, ela sempre será frações sobre aquilo que desejam dela, seja o seu leite ou sua sabedoria, seus cuidados ou suas histórias – muitas das quais tomadas como inspiração por Monteiro Lobato. Ela não existe além da ótica branca sobre seu corpo, sobre um peito que jorra vida ou uma mão calejada que mexe o doce. Ela não tem história, não tem conexões além da família branca, não tem a si mesma.

Assim, propor essa discussão sem levar em consideração os movimentos negros e principalmente as mulheres negras, é um próprio legado lobatiano de se discurtir gênero e raça, é invisibilizar a potência que essas imagens de controle possuem sobre os corpos dessas mulheres, tais quais possuem no meu. Antes de ser alguém que estuda Tia Nastácia, eu sou uma mulher negra por ela afetada e atravessada por suas vivências dentro do mundo mágico do Sítio do Pica Pau Amarelo. É através da escrevivência¹ (Conceição Evaristo), da noção de coletividade vinda da dor causada por essa imagética racista, que somos capazes de mudar a forma como as mulheres negras são vistas em nossa sociedade, especialmente quando falamos sobre o legado da obra em mostrar a subserviência e abdicação dos seus próprios sonhos para que se fosse possível manter a estrutura saudosista e colonial de servidão.

Pensar a travessia como lugar onde o negro se desfez e se desfaz para só então poder se refazer é pensar, sem ignorar as dores, os traumas e a barbárie da escravidão e da colonização, que os signos culturais, textuais “e toda a complexa constituição simbólica fundadores de sua alteridade, de suas culturas, de sua diversidade étnica, linguística, de suas civilizações e história” não foram apagados no corpo e no *corpus* africano e de origem africana. (Pessanha, Paz, Saraiva, 2019, p. 111)

É através da compreensão do meu corpo enquanto território, o qual se vê atravessado por dores quase que universais ao povo negro, que trago a questão da reformulação de uma literatura essencialmente brasileira. Se o pacto da branquitude (Bento, 2022) mantém homens brancos parecidos com Lobato como os grandes rostos de nossa produção artística e intelectual, devemos questionar como é possível eles nos representarem se sequer se parecem com o povo que escrevem, se sequer se importam com o contexto histórico do Brasil no momento de suas produções e ignoram o lugar do movimento negro nele e seu lugar na luta contra esses estereótipos perpetuados. A importância das mulheres negras contra esse movimento é perceptível em muitos momentos ao longo da história do Brasil, como as Rosas Negras da FNB (Frente Negra Brasileira) grupo que contava com militantes negras que lutavam contra o racismo e sexismo no país, trazendo desde os

¹ A escrita nascida através da experiência de vida do autor e do seu povo, as memórias, a coletividade.

anos 1930 a questão da interseccionalidade abordada por Patrícia Hill Collins e outras intelectuais utilizadas em minha pesquisa.

Assim, não se deve permitir a perpetuação de uma literatura infanto-juvenil - e suas adaptações - que se submergem em ideias e falas racistas, como é o caso de Lobato e suas obras, principalmente a obra analisada por mim, *Reinações de Narizinho*, no qual, até a adaptação televisiva de 1977 de *Sítio do Picapau Amarelo*, a personagem da Tia Nastácia ainda referia-se a Dona Benta como “sinhá” - claro remarco do período escravocrata - seguindo quase que fielmente a obra que dela adapta-se, onde é possível observar como o fato de ser “preta” é sempre colocado em destaque de forma negativa, sendo sua cor uma das principais marcas a partir da qual ela é referida ao longo dos conto: uma clara forma de limitar como mulheres negras devem ser percebidas e como devem se perceber e se portar. Tia Nastácia, nesse sentido, seria um ótimo exemplo da imagem de controle da *Mammy*², pois ela é sempre vista, em praticamente todas as cenas, na cozinha. Não sabemos sua história, quais são seus sonhos e seus desejos, suas ambições, ela está ali para servir e assim ela fará.

Desconstruir esse tipo de imagem da mídia moderna é uma das grandes pautas do movimento negro feminista, entendendo que o legado lobatiano se fortalece toda vez que discutimos as obras de Lobato e desconsideramos a opinião e importância dessas mulheres negras, suas histórias, seus legados e suas lutas dentro da nossa história, é desconsiderar a escrevivência - ou seja, a escrita, mas também um modo não hegemônico de representar e imaginar o mundo - como meio para mudança e a travessia como meio de reformulação, autonomia e empoderamento. Afinal:

Ser negro é, além disso³, tomar consciência do processo ideológico que, através de um discurso mítico acerca de si, engendra uma estrutura de desconhecimento que o aprisiona numa imagem alienada, na qual se reconhece. Ser negro é tomar posse dessa consciência e criar uma nova consciência que reassegure o respeito às diferenças e que reafirme uma dignidade alheia a qualquer nível de exploração.

Assim, ser negro não é uma condição dada, a priori. É um vir a ser. Ser negro é tornar-se negro. (Souza, 2021, p. 115).

² Segunda Hill Collins em *Racismo e Sexismo*, p. 149, podemos definir a *Mammy* como as mulheres negras obrigadas a serem submissas em certos ambientes e com certas pessoas, abdicando de sua família para cuidar da família branca do senhor, não tendo sonhos próprios ou desejos, sem subjetividade e muito associada aos trabalhos domésticos.

³ “É que, no Brasil, nascer com a pele preta e/ou outros caracteres do tipo negroide e compartilhar de uma mesma história de desraizamento, escravidão e discriminação racial não organizam, por si só, uma identidade negra” (Souza, 2021, p. 115).

Compreender o mito negro (Neusa Santos Souza, 2021) como aquilo que impõe a marca do diferente, rompendo com a identificação e subjetividade das pessoas negras, principalmente mulheres, relaciona-se com o conceito de travessia, com as imagens de controle e sua quebra, com a criação das imagens de libertação - que desejo abordar mais futuramente, em outros trabalhos decorrentes desta pesquisa -, no qual entende-se que a minha libertação enquanto mulher e negra virá junto com a libertação das minhas, virá através da aniquilação do pedestal que deixam obras como as de Lobato intocáveis, que as colocam como o suprassumo da literatura infanto-juvenil, que ignora nossas falas e denúncias acerca das dores causadas pela perpetuação que essas imagens nos causam e continuarão a causar caso o nosso grito não seja ouvido - ou melhor, continue a ser ignorado. Afinal, “A supremacia branca é o sistema político não nomeado que fez do mundo moderno o que ele é hoje” (Mills, 2023, p. 33) e nossa luta não terminará até a última pessoa negra suspirar aliviada, sussurrando “*Sou livre, enfim*”.

BIBLIOGRAFIA

- Bento, Cida. “O pacto da branquitude”. São Paulo: Companhia das Letras, 2022. Cândido, Antônio.
- Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- Collins, Patricia Hill. *Pensamento Feminista Negro: Pensamento, Consciência e a Política do Emponderamento*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019.
- Deiab, Rafaela de Andrade. *A mãe-preta na literatura brasileira: a ambiguidade como construção social (1880-1950)*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2006.
- Domingues, Petrônio. “Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos”. *Tempo*, 2007: 100-122.
- Gonzalez, Lélia. “Racismo e sexismo na cultura brasileira (1980).” In: *Revista Ciências Sociais Hoje*, Anpocs, 1984, p. 223-244.
- Lobato, Monteiro. *Reinações de Narizinho*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2019.
- Lourença, Iza. “Resistência negra à ditadura militar no Brasil”. *Esquerda Online*, Brasil, 06 de abril de 2019. Disponível em: <https://esquerdaonline.com.br/2019/04/06/resistencia-negra-a-ditadura-no-brasil/> . Acessado em 26 de fevereiro de 2024.
- Mills, Charles W. *O contrato racial*. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.
- Pessanha, Paz. Saraiva. “Na travessia o negro se desfaz: vida, morte e memÓRÍa, possíveis leituras a partir de uma filosofia africana e afrodiaspórica”. *Voluntas*, Santa Maria, v. 10, p. 110-127.
- Souza, Neusa Santos. *Tornar-se negro*. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.